

## **A EXPLORAÇÃO DA INFÂNCIA PELA MÍDIA: EMBATES TEÓRICOS E PRÁTICOS.**

Silvana Aparecida Guietti de Oliveira-UEM/CNS<sup>1</sup>  
Sueli Ribeiro Comar-UEM/DTP<sup>2</sup>

### **Introdução**

O objetivo deste estudo é analisar a exploração da infância pela mídia em uma sociedade que se caracteriza pelo consumo desenfreado. Considerando que ao longo da história a criança foi vista e analisada de acordo com a concepção de educação e infância pertinentes a cada momento histórico, esta análise pretende demonstrar que após a década de 1970 com a disseminação dos meios midiáticos ocorreu uma exploração da imagem da criança, visando o consumo. São marcas de roupas, calçados, brinquedos, perfumes, enfim, uma infinidade de objetos de consumo que, de modo intrínseco, vão se tornando indispensáveis para a criança desde a mais tenra idade. A imagem da criança está nos ritmos frenéticos dos pequenos consumidores em potencial. São esses pequenos que garantirá por muito tempo a manutenção de grandes empresas e logotipos, pois à medida que eles crescem as mercadorias são adaptadas a eles. No entanto, para que se compreenda a dinâmica da infância e suas particularidades, faremos uma breve retomada sobre o conceito de criança e como esta ainda é pensada.

### **Fundamentação teórica**

Todos nós conhecemos crianças, possuímos um grau de parentesco, ou ainda convivemos diariamente com elas, ou seja, a nossa sociedade está repleta de crianças. Nesse sentido, a infância é uma categoria digna de muitos estudos. No século XVI, Erasmo de Roterdã, dentre outras obras sobre educação escreveu o livro “A Civilidade Pueril” com a preocupação de ensinar e educar as crianças de sua

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação a Distância. Tutora do Curso Normal Superior-UEM-Campus Regional de Cianorte (sguietti@bol.com.br).

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Educação –UEM. Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação /UEM (sueliricomar@bol.com.br).

época. Nesse livro, o autor propõe regras de civilidade, instituindo regras de convivência social desde os primeiros anos de existência. Reitera-se que Erasmo de Roterdã apresentava uma preocupação com o processo educativo do homem chamando atenção de como a criança deveria ser educada naquele determinado momento.

A História da Educação nos mostra que são muitos os autores que se preocuparam em estudar a infância dentre os quais citamos Montaigne, Rousseau, Froebel, Freinet, entre outros. Entretanto, o fato de muitos autores terem se dedicado a escrever sobre a infância não significa que essa categoria tenha sido sempre valorizada e reconhecida no decorrer da história.

Postman (2006) relata que a ideia de infância surgiu com o advento da prensa tipográfica. Assim, a percepção sobre a criança e o surgimento do conceito de infância foram se constituindo e se formando gradativamente em determinadas sociedades e épocas. Ainda para o autor, pouco se sabe sobre as crianças da antiguidade. Este autor salienta que para os gregos a infância não era considerada uma categoria etária especial e abarcava qualquer um que estivesse entre a infância e a velhice.

Outro ponto evidencia que a infância não possuía papel de destaque entre os gregos, é o fato de que não há indícios que eles tenham retratado crianças em seus quadros ou estátuas. Era comum, na Grécia, meninas se casarem muito jovens, passando a se dedicar inteiramente ao seu esposo. Também, nessa época, se constata que não havia restrições morais e legais para a prática do infanticídio. Diante desses fatos, podemos considerar que a visão grega do significado da vida da criança era completamente diferente da nossa.

É incontestável que foram os gregos que inventaram a ideia de escola. Platão se preocupou em escrever algumas propostas de como deveria ser a educação do jovem. Entretanto, a preocupação grega com a escola não traduz a construção de uma concepção de infância equivalente a nossa. Para Postman (2006) os romanos herdaram dos gregos a ideia de escolarização, expandiram a compreensão de infância superando a noção grega. A arte romana proporcionou atenção e destaque à criança pequena e em crescimento, a qual não seria vista novamente até o

Renascimento.<sup>3</sup>. Também foram os romanos que começaram a estabelecer a conexão entre criança e a noção de vergonha. Acreditavam que as crianças deveriam estar a salvo dos segredos dos adultos, receberem educação, proteção e cuidados.

Esta concepção de criança atravessa a antiguidade clássica e chega à idade média. Com a invasão dos bárbaros e o desmoronamento do Império Romano ocorreu o enfraquecimento da cultura clássica. Esse período foi marcado pela pouca disseminação da escrita, da educação, do sentimento de vergonha e da infância.

Outra característica marcante é que neste período as crianças eram vistas como “mini adultos”, vestiam-se como adultos, faziam parte desse mundo participando de todos os atos que envolviam a vida humana. Partilhavam jogos, brincadeiras e costumes. Não havia nenhuma preocupação em preservar a criança dos segredos do mundo do adulto. Discutiam-se assuntos sexuais na presença das crianças sem o menor pudor.

Na Idade Média a infância terminava aos sete anos de idade. E por que sete? Porque nesta idade as crianças dominavam a palavra. Elas podiam compreender o que os adultos diziam e analisavam.

Quanto aos ambientes de aprendizagem, a existência dos mesmos se relacionava com a igreja e outras, particulares, mas não uma educação primária voltada ao ensino da leitura e da escrita. Se o Menino da Idade Média fosse à escola, isso se iniciava por volta dos dez anos de idade. Era comum encontrar alunos de várias idades estudando juntos. Diante dessas considerações:

O que podemos dizer, então, com certeza que no mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem seqüencial, nenhuma concepção de escolarização como preparação para o mundo adulto. Como resume Ariès, “A civilização medieval tinha esquecido a paideia dos antigos e ainda não sabia nada sobre educação moderna (POSTMAN, 2006, p. 29).

---

<sup>3</sup> Renascimento - Termo usado para identificar o período da História da Europa aproximadamente entre os fins do século XIII e meados do século XVIII. Esse período é marcado pela revalorização das referências da antiguidade clássica.

Outro ponto que nos leva a acreditar que de fato o conceito de infância era limitado na Idade Média é a indiferença dispensada à mortalidade infantil e ao tratamento dos corpos dos infantis. Devido a altas taxas de mortalidade infantil, as crianças menores de sete anos não eram consideradas como importantes. Sarat (2005) relata que as crianças que morriam eram facilmente substituídas por outras ou eram enterradas em qualquer lugar, revelando que não havia preocupação com sua perda e muito menos com seu corpo.

Subsidiados pela pesquisa podemos afirmar que este quadro sofre mudanças a partir da prensa tipográfica a qual possibilitou a criação de um mundo simbólico, que exigiu um novo conceito de idade adulta. Sendo as crianças expulsas do mundo adulto, foi necessário encontrar outro mundo para que elas pudessem habitar: o mundo da infância.

A prensa tipográfica possibilitou novas formas de organização das relações humanas. Se na Idade Média, adultos e crianças compartilhavam do mesmo mundo social, com a invenção do prelo essa situação se alterou. Ocorreu a separação em duas classes: as crianças e o resto da população. Nesse momento surgiu um apelo para que se aprendesse ler e escrever. Então a sociedade européia criou a escola transformando a educação em necessidade.

Postman (2006) assinala que a paternidade da “era sem crianças” pode ser atribuída a Samuel Finley Bresse Morse, pois ele foi o principal responsável pelo envio da primeira mensagem elétrica pública transmitida no planeta. A partir do telégrafo elétrico obteve-se o grande feito de se enviar uma mensagem com maior rapidez do que aquela propiciada pelo corpo humano. O telégrafo assumiu a função de distribuidor de notícias, criando a indústria da notícia, ao transportar informação, antes um bem pessoal, em mercadoria de valor mundial.

Essa revolução ocorrida no século XX, com a troca da informação impressa pela informação eletrônica, repercutiu na infância. A infância representava o fruto de um ambiente no qual uma forma especial de informação era controlada pelo adulto. O telégrafo iniciou o processo de extorsão do lar e da escola o controle da informação. Além disso, alterou o tipo de informação que as crianças podiam ter

acesso, sua qualidade e quantidade, sua seqüência, e a circunstância que seria vivenciada.

Para alguns estudiosos do assunto, precisamente o ano de 1950 pode ser relatado como a data de início do “desaparecimento da infância”, período em que a televisão instalou-se na maioria dos lares americanos, junto à revolução gráfica. Nesta mesma perspectiva, a televisão pode ser atribuída como a linha divisória entre infância e idade adulta por três motivos: primeiro, porque não requer habilidade específica; segundo porque não faz exigências complexas à mente e ao comportamento; e terceiro porque não segrega o público.

Esse ambiente midiático fornece a todos o mesmo tipo de informação sem reservas ou segredos, coloca em público o que antes era do domínio privado. A televisão é uma tecnologia com entrada franca, sem restrições físicas, econômicas, cognitivas ou imaginativas.

Diante desse cenário, verifica-se que não só a curiosidade da criança perdeu terreno, mas também a autoridade do adulto. A criança desde muito cedo conhece os mistérios e segredos do mundo. Portanto, como faremos a distinção dela perante o adulto? Se de fato a imagem tem substituído a palavra é correto que este desenvolvimento tecnológico, materializado na forma de televisão, pode ser descrito como um “divisor de águas” para o conceito de criança pueril. Isto porque aos olhos da criança e do adulto estão expostos o bem e o mal, o limitado e o ilimitado:

Podemos concluir, então, que a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas à sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento, e terceiro porque não segrega seu público. Com a ajuda de outros meios eletrônicos não impressos, a televisão recria as condições de comunicação que existiam nos séculos quatorze e quinze. Biologicamente estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria dessas imagens. O novo ambiente midiático que está surgindo fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação. Dadas as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância ( POSTMAN, 2006, p. 94).

Do ponto de vista da dimensão humana, percebe-se que a mídia tem investido em todos os setores da consciência, seja ela moral, prática, comportamental. Isto se justifica porque a criança não somente é levada a conhecer algo que seria restrito a maturidade do adulto. A violência está no sentimento e no comportamento.

Exemplo claro disso são os inúmeros formatos dos desenhos animados que estão na telinha no sentido de “distrair a criança”. Se tem uma coisa que a mídia não é, é não intencional, ela está a todo o momento formando opiniões inserindo modelos, coisas, tendências e cores, como consequência, vivenciamos uma conformação social que é a do individual. A sociedade é individualista. Quais são as qualidades que você precisa desenvolver pra viver numa sociedade que você tem que brigar contra todo mundo: a falta de caráter, a agressividade, a impunidade, medo do outro, desconfiança.

Beraldi (1978) examinou a preferência de crianças pré-escolares na faixa etária de quatro a seis anos de idade e encontrou que a grande maioria desse grupo escolhia os desenhos animados. Dos dez personagens mais populares, oito foram considerados violentos e o Pica-Pau foi o personagem favorito. O Pica-Pau também foi apontado como o personagem mais popular em outros trabalhos com crianças escolares. Este fato é preocupante, uma vez que além da violência física, naturalizada nas cenas dos desenhos animados, nos super-heróis a criança ainda não é capaz de fazer uma análise e converter o que se vê na tela em fato irreal.

Reitera-se que o final do século XX e início do XXI estão sendo marcados pelo “remédio” do consumo. Eu sou o que eu “posso”, “acumulo” ou “consumo”, este é o signo que garante a entrada para “mundo novo”. Esta investida é de tal forma significativa que dados da Organização Mundial de Saúde apontam que apenas 30 segundos de propaganda já são suficientes para exercer forte influência sobre as crianças, pois transforma os produtos anunciados em necessidades indispensáveis, elas tornam-se significativas. É como se as propagandas os slogans capturassem as crianças. A discussão aponta que a mídia interfere nos valores, hábitos e gostos dos pequenos. É ponto comum, dentro desse mundo do consumo, a criança ser utilizada como modelos imitadores de comportamentos dos adultos,

poses, roupas, danças e gestos sensuais são passíveis de elogios sobre a criança vista como “esperta” pronta para a maturidade.

Engana-se quem pensa que este fenômeno se restringe apenas ao consumo de roupas ou danças. Há ainda outro ponto que precisa ser considerado, ou seja, a forma como a infância é condicionada a se alimentar para atender os padrões de poder e de igualdade de consumo. Na ordem do dia estão os “fast food”, lanches, porções, salgadinhos, o que denota que na sociedade contemporânea, comer virou brincadeira. Pesquisas da Organização Mundial de Saúde identificaram que a faixa entre 03-06 anos corresponde às maiores solicitações por produtos anunciados e que isto se deve à associação dos produtos com brindes, super-heróis, coleções e prêmios. Consumir tornou-se sinônimo de prazer.

Estes resultados nos alertam que a criança está sujeita de modo intrínseco a assimilar as ideias exposta na televisão, nos comerciais falados e escritos. Isto justifica o objetivo apontado no início do texto no qual há que se refletir sobre a temática e, esta discussão também deve estar presente na formação docente porque é na escola que podemos reforçar a influência dos meios televisivos ou optar pela criação de um espaço de resistência. Mesmo sendo a mídia uma categoria da comunicação humana, ela também é movida por forças de mercado, temos que lutar com as armas possíveis e objetivos articulados no sentido de defender e proteger tanto as liberdades civis como os interesses da criança.

### **Conclusão**

Ao anunciarmos o encerramento desta temática, mesmo que de forma momentânea, reiteramos a necessidade de pesquisa e de debates sobre a questão. Para esta conclusão cabem alguns questionamentos. Em que medida as escolas não estão contribuindo para reforçar ou acelerar um padrão adulto para as crianças? As Mostras Culturais tem propiciado momentos de contemplação de um universo cultural ou se limitam as danças, como por exemplo, o “Tcham”, “Bonde do Tigrão” entre outros ritmos sensuais? A formação dos professores tem discutido em seu currículo, os instrumentos teóricos e práticos para a construção de uma outra práxis escolar?

Frente a estes apontamentos, espera-se que a análise possa contribuir, não somente aos envolvidos com a educação escolar, mas a família, no sentido de monitorarem a programação da televisão, os computadores, entre outros meios que são indispensáveis na atualidade, mas que necessitam de controle diante de uma infância que vemos desaparecer.

## Referências

ANDERSEN MJB. **Violência nos desenhos animados exibidos pela televisão:** uma ponderação necessária. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1986.

BERALDI MJ. **Televisão e desenho animado:** o telespectador pré-escolar. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1978.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2006.

SARAT, Magda (Org.). **O surgimento do conceito de infância do renascimento à modernidade.** In: \_\_\_\_\_. Fundamentos filosóficos da educação infantil. Formação de professores EAD, n. 6. Maringá: Eduem, 2005.